

**O cavalo económico  
–sombra fértil–**

**Anxo Pastor**

**Formas de citación recomendadas**

**1 | Por referencia a esta publicación electrónica\***

PASTOR, ANXO (2011 [1998]). *O cavalo económico –sombra fértil–*. Lisboa: Edições Tema. Versión portuguesa de Hermínio Chaves Fernandes. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1588>>.

**2 | Por referencia á publicación orixinal**

PASTOR, ANXO (1998). *O cavalo económico –sombra fértil–*. Lisboa: Edições Tema. Versión portuguesa de Hermínio Chaves Fernandes.

\* Edición dispoñíbel desde o 17 de decembro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

# O CAVALO ECONÓMICO

- SOMBRA FÉRTIL -



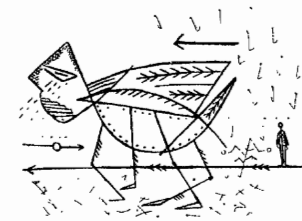
ANXO PASTOR

EDIÇÕES TEMA

# O CAVALO ECONÓMICO

-SOMBRA FÉRTIL-

ANXO PASTOR



EDICÕES TEMA

Anxo Pastor (Vilardonas, Ribas de Sil, Lugo, 1959).

### Obra Poética:

Os poemas da secta, Ed. Atlántico Express, Lugo, 1987

Arcana, Las voces mudas, Ed. Novo Século, 1993

Alixeira, Ed. Autor, Vilagarcía de Arousa, 1996

Cielo Bajo, Ed. Autor, Vilagarcía de Arousa, 1997

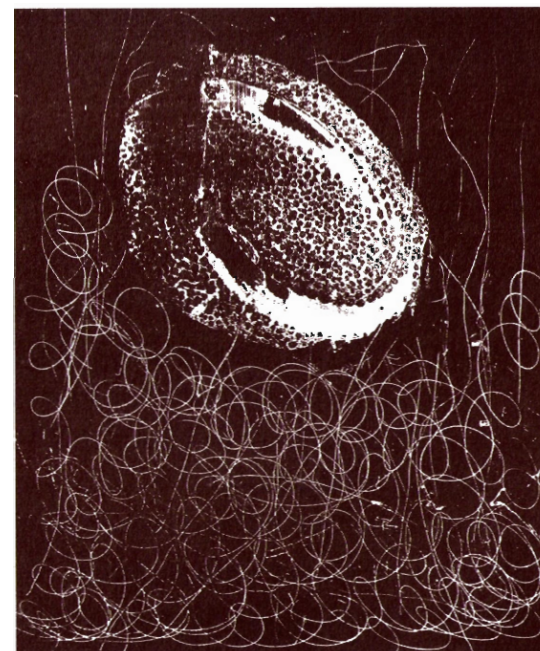
O cavalo económico, Ed. Tema, Lisboa, 1998

Capa: desenho de Anxo Pastor  
Tradução: *Hermínio Chaves Fernandes*

Edições Tema  
Lisboa, Janeiro 98  
Departamento Literário da SIGC  
Travessa do Jardim, 8 - 1º Esquerdo  
1350 Lisboa - Portugal  
Telef: 351-1-3950906  
Depósito Legal: 119622/98

# O CAVALO ECONÓMICO

- SOMBRA FÉRTIL -



ANXO PASTOR

EDIÇÕES TEMA

## A Sombra Fértil

Agora como quase não tenho nada para fazer, dedico-me a caçar sombras, boas sombras comestíveis, confessa-me M., convencido de que me interessam as suas sombras.

Como me deve achar solícito e interessado nas suas experiências cinegéticas, agarra-me pelo braço e conduz-me a um recanto. Olhe, diz-me, e aponta-me uma sombra estatelada num ângulo do corredor, olhe que fresca, ainda está palpitante, está a ver, todos os dias passeamos por aqui e não vemos, não apreciamos estes belos exemplares.

Observo-a com tédio, é uma sombra vulgar, pouco maior que a palma da mão do seu pueril e pretencioso caçador, faz lembrar pela forma um descolorido roedor, um animal insípido cuja carne terá o sabor da humidade, do recanto.

Eu não caço sombras, não as persigo nem as saboreio como M., observo-as simplesmente, ou melhor, espio-as, mas não é fácil, a maioria das sombras costumam ser assustadiças. Agora assiste-se a uma grande decadência das sombras, raças inteiras de sombras até já desapareceram.

Habitadas a estridentes luzes, as sombras tornaram-se vulgares, confundem-se e esfumam-se até se dissimularem no meio duma fauna de simples manchas sem qualquer relevo, sem vegetação, sem bons pastos como as sombras de antigamente.

De quando em vez aparece uma presença que recorda uma qualquer sombra autêntica, algo que no distraído caminhar poderia parecer uma ilhota semi-submersa a que um naufrago se poderia agarrar. Porém, esta presença, esta promessa de sombra, é de duvidosa habitabilidade, a sua vegetação, a sua possível existência de água fresca, são meras promessas, piscadelas-de-olho de vendedor, pura conversa fiada que promete e promete sem cumprir.

O melhor, digo para comigo, é continuar assim, saudando-nos a meia-distância, olhando os dois para os nossos difíceis e obscuros perfis.

## Confusão

Costumam confundir-me, quanto tento corrigir esse equívoco, a sua impaciência diz-me que já é tarde e que as minhas razões não lhes importam, eles têm um ar de cumplicidade como quem diz que a eles também os confundem, e assim sendo não oponho grande resistência.

Na última confusão fizeram-me passar por capitão de navio, eu que nunca navegara nem sequer vira o mar, quis resistir de maneira resoluta a esta confusão, foi inútil, as minhas explicações tão pouco os convenceram, criticaram-me mesmo por, na minha idade, não ter assumido com naturalidade o meu nobre e digno ofício, além disso, divagaram, não seremos todos capitães, homens do mar ainda que nos exercitemos nos charcos, autênticos capitães de cascas de noz feitas para flutuar.

## Meada de palavras

Pouco a pouco proferiu as suas palavras com todos os seus efeitos de persuasão, como um experiente actor concita facilmente os aplausos de um público embelezado e seduzido.

Contudo o conferencista nota agora algo de insólito, as palavras repetidas uma e outra vez parecem demorar-se, embrulham-se na garganta e saem para o exterior com lentidão, confusas como se estivessem cansadas, a contra-gosto naquela sala repleta de homens e mulheres sentados.

Confiando tratar-se de simples cansaço passageiro, ele, desculpando-se, faz uma breve pausa, despeja de um jarro um pouco de água e bebe, começa a contar uma anedota, o público ri-se ainda antes de ele terminar, ele próprio deixa-se contagiar, ganha ânimo e volta à sua palestra.

As palavras voltam a sair ligeiras, seguras, sem

medo, revolteiam pela sala e convencem. Mas agora, e sem saber porquê, vê-se a dizer, por entre essas palavras, como se fosse um involuntário tique ou uma absurda contra-senha,: "caçarolas e estopinhas", "caçarolas e estopinhas".

A hipnotizada assistência nem se apercebe, aplaude, enquanto estas "caçarolas e estopinhas" avançam, ocupam mais espaço na sala, revolteiam também com as outras palavras como se fossem descaradas e zumbidoras moscas de verão. Só um arrumador, que está de pé, de mau humor, olha para o relógio, pensa na hora de voltar para casa. A conferência deve estar quase a acabar, terá que varrer toda a sala que se encheu de um emaranhado invisível e pegajoso de palavras.

A experiência diz-lhe que estas não custarão muito a limpar, as mais difíceis são as outras, pequenas viscosas como cola, que se pegam com muita força a tudo, essas caçarolas e estopinhas que vêm de tamanho enclausuramento, que reclamam o seu posto...

## O órfão de madeira

O homem está outra vez nervoso, angustia-se, sai de casa com o seu pequeno martelo debaixo do braço, decidido a adoptar três órfãos, com os três acalmar-se-á por muito tempo. Caminha uma centena de metros e lá os encontra, um grupo de órfãos prende a sua atenção, o homem aproxima-se, saúda-os, saca do martelo e educadamente pergunta-lhes:

- Dão-me licença, e desfere um pequeno golpe em cada um.

Dos ombros dos órfãos saiu um som agudo, um guincho, como de vidro, um som de órfão demasiado órfão.

O homem não conseguiu evitar um gesto de decepção e, pedindo desculpa, abala.

O homem afasta-se, irritado, com o martelo na mão, começa a bater em tudo e em todos e espanta-se com os sons produzidos, concentra-se nesses sons, são uns sons como nunca ouviu, e continua à procura, anseia encontrar algo como uma música diferente.

Quando está prestes a desistir, algo lhe chama a atenção, na beira de um passeio está sentado um homem indiferente, é um homem hirto, como um vulto anónimo, ele aproxima-se, bate com o martelo e produz um som de madeira, um som de autêntico órfão de madeira, isso tranquiliza-o.



## A mania sólida

Uns cultivavam, nos tempos livres, toda a espécie de propensões, colavam selos, espetavam pregos, trepavam aos picos mais altos da terra ou cuidavam de baixar a gordura acumulada correndo pelos passeios ao entardecer como se fossem cavalos fugindo de qualquer coisa.

Eu não tinha tais propensões, cultivava apenas a minha mania, ela não tinha nada a ver com desporto nem com coleccionismo insone, a minha relação com ela era como uma autêntica avareza, um reduto como um quintal onde respirar.

A minha mania era como seguir fielmente uma névoa e dar-lhe a mão, como a uma velha conhecida a quem se tem de fazer o cumprimento que julgamos mais lhe agradará, dizendo-lhe: que espessa, que sólida.

## O Cavallo Económico

É um cavallo económico e de uma grande fidelidade, é capaz de galopar com as suas três patas como o de quatro e ir muito mais longe.

Do alto da garupa, o ginete também economiza, economiza movimentos desnecessários, economiza paisagens tentadoras, distrações, mesmo pelo seu pálido aspecto se pode ver que economiza luz.

Quem pode compreender e dar valor a tamanha avareza económica? quem compreende, sem deixar de economizar assombro, este galope frenético?, perdendo-se numa selva de praças e ruas, no meio de bosques sombrios que são só madeira, selas, selas...

## O Rugido

Visitava-o uma vez por outra, abria a porta que dá para o seu interior e lá estava ele, o rugido parecia manter-se em forma. Claro que vendo bem, o seu rugido não era um rugido-rugido, como ele gostaria que fosse, mas, ao fim e ao cabo, ele tão-pouco era um leão, soltava o seu rugido de expressão vulgar como qualquer outro o faria.

Difícil e gratuito seria pedir-lhe um parecer sobre a sua clausura, sobre o seu ir contra a própria natureza, mas é suposto que um rugido humano aguento bem as pressões – inclusivamente esses necessários bloqueamentos – poder-se-ia dizer que, sem elas, perde toda a sua energia indómita e imprevisível que uma boa educação se encarrega de moderar e dirigir.

Esta argumentação ou justificação natural

da clausura do seu rugido, não podia ocultar a sua preocupação: o seu rugido ultimamente parecia cada vez mais caseiro, mais preguiçoso.

Acostumado a expandir-se em locais abertos, ao ar livre, a plenos pulmões, agora parecia sentir-se muito satisfeito em casa.

Sentia ao contemplá-lo quase as mesmas sensações que ver o filho solteiro andar pela casa de chinelos.

Enchendo o peito de ar e sem prévio aviso, diante do espelho ordenou ao rugido que saísse, os dois encontraram-se no espelho, das suas bocas saiu um débil som gutural, abafado, um pequeno e ridículo gritinho vergonhoso que por felicidade não teve espectadores, os dois alegraram-se por tudo ter ocorrido assim, numa cena privada à espera de melhores dias, longe do ar livre e da exposição a essas correntes de ar frio que causavam fartos catarros tão inimigos dos rugidos...

## Toupeiras

Chamar as toupeiras à superfície para que respirem o nosso ar, torná-las partícipes dessas pequenas alegrias, convidá-las a beber uma cerveja, a fumar um cigarro, incentivá-las a viver a vida no exterior.

Atrair as toupeiras, debes lembrar-te, apontar na agenda para uma próxima festa, as toupeiras podem acompanhar-te, podem cantar-te as suas inéditas canções das galerias, também elas despreocupadas e alegres cantarão sem solenidade.

## Os Génios

Cuidadosamente classificadas, viam-se, num extenso correr de prateleiras, centenas de cascas de ovo, cada uma tinha um distintivo e era acompanhada de um letreiro com as respectivas características, numa fileira em letras gordas sobressaía a inscrição: "*Ovos de génio sem validade.*".

Perante a minha surpresa, o professor Macius disse-me, destes poucos serão os que darão novos pintaínhos génios, a ciência está cada vez mais avançada, um dia quase todos seremos génios.

Eu, com o bico, anuí.

## Riso

Um movimento imprevisto nos lábios, uma distensão desacostumada no rosto e surgia um grande movimento invisível de forças, maquinaria destruindo fossos e paliçadas.

Acudia, sem avisar, o riso, acudia a revistar os monótonos e tristes quartéis.

## Uma voz

O senhor não odeia o suficiente, disse-me, deixou-se arrastar pelo mal da melancolia, dar-lhe-ei a única receita válida nestes tempos, exercite-se no ódio, mantenha o seu ódio em forma, cuide dele, alimente-o, não caia na vulgaridade de o concentrar unicamente no que considera seu inimigo, a maioria das vezes não é assim, apenas supõe um desperdício de energia desnecessária, e além de existir esse tal inimigo, cedo o teria introduzido em sua casa, acabaria por calçar os seus chinelos e, descontraídos, ambos veriam televisão.

A minha terapia consiste em exercitar o ódio indiscriminado, ponha-se por exemplo em frente dum muro, concentre-se em cada uma das suas pedras e comece a odiá-las uma a uma, logo lhe sobrarão razões para as odiar, uma mancha mal alinhada, esse veio ridículo, essa imobilidade insultuosa, abusiva, a forma silenciosa e secreta de respirar, tudo merece ódio, tudo merece servir de alimento à sua intensidade.  
... (o grande odiador)

## Os Cumes

Lá do alto, era possível ver, por vezes, o movimento de uns insectos, agachando-se, esses diminutos seres crescem, a migalha de pão que levavam às costas é agora uma autêntica montanha, um Everest que fermentou, que roça com a sua crista o queixo, baixando um pouco mais, apercebes-te que o solo se tornará num território impossível, agora apenas queres escalar, voltar a ser um humilde gigante, subir ao cume de uns sapatos.

## As Feridas

As feridas estavam rigorosamente vigiadas, cada uma delas tinha que usar a respectiva roupa e o correspondente número, qual uniforme de presidiários.

No grande pátio carcerário, tão grande como uma cidade, era possível vê-las a passear, a fazer uma vida normal.

Das vigias algumas vezes era necessário dar o alarme, as feridas agrupavam-se, tendiam a formar grupos e esquecendo, até, o necessário recato, faziam obscenas exhibições.

Quando isso acontecia, era preciso dispersá-las, dispersar este grupo de feridas narcisistas.

## A Gota

A gota que devia cair não cai, não se decide, agarra-se ao algeroz, assoma a cabeça ao rebordo e descobre uma paisagem inédita de telhados.

A gota respira, esquece-se de si mesma, do seu ser de gota, e descontrai-se duplicando o seu peso.

A gota, todavia, não pode deixar de escutar as vozes que chegam de baixo, os conselhos, as recriminações, a impaciência que insulta e lhe ordena que caia.

E a gota, pressionada por outras gotas, decide cair, espreguiça-se com cara de sono, pouco a pouco vai despertando, no trajecto da sua queda encontra, por trás das janelas, inquilinos satisfeitos com a sua decisão de ser gota de novo. Chega ao solo e, nesse preciso instante, qual bola, dá um grande salto, ressalta, a gota ri-se, a gota decidiu jogar, passa entre transeuntes ensonados, roça por momentos as esbranquiçadas orelhas, incomoda-os e desperta-os como se ela fosse isso, uma cãibra.

## Poupança de céu

Também o céu poupa, diz-me X, depois de muito andar pelo solo, posso dizer-lhe que o céu não suporta inquisitivos olhares, um céu semeado de olhares perderia a sua natural confiança de céu, e nós perderíamos esse prestigante chapéu, esse anónimo telheiro azul.

## Golpes de Vento

Como voos de mosca

...

Como pensamentos com soluços

...

Golpes de vento

...

Mania, tinha a intenção de se fazer invisível,  
vagamente invisível sem precisar como o faria

...

Administra sentenças a si próprio como se fossem  
remédios e assim se acalma.

..

Cauto, silencioso, refugiava-se sob a sua língua  
e aguardava que passasse o mau tempo, o medo.

...

Silêncios que no seu íntimo faziam muito  
ruído, silêncios defeituosos.



...

Disse como se estivesse varrendo: ferro-velho  
ideológico.

...

Cartões de visita que semeavam confiança,  
rostos de lúcidos arrependidos.

...

Palavras convertidas em ladrilhos, em paredes.

...

Os meninos fazem as suas cabanas no ar.

...

"Borrachos ... Borrachas... Monos... Monas...  
olhar as olheiras... e as orelhas..." escreve o  
poeta Lino Silva às ordens dos seus intestinos, da  
sua noite, dos dentes do seu riso, verazes  
punhados de punhais.

...

Eles chamam-lhes corruptos, D. Quijote Malandrines

...

Aromas perdidos que aguardavam por perdidos narizes  
por extraviados olfactos.

...

Lia o jornal com luvas.

...

Um letreiro anunciava: Passeios económicos.

...

Nuvens, como espectáculo grátis, em desuso.

...

Clandestinos caminhantes, solitários... que são  
forçados a estugar o passo.

...

Arquitectos como assassinos de espaço

...

Páginas que nunca estavam em branco, páginas em  
que nunca caía neve.

...

Cultivava reticências, agulheiros, brancos  
agulheiros

...

No antiquário queria comprar um anjo antigo,  
um anjo autêntico, um anjo com garantia de anjo.

...

Castigava-os com um elogio repetido, monocórdico, sem qualquer variação dizia-lhes: sois os melhores, os únicos, mereceis a colher de ouro.

...

Exigiu-lhe que acreditasse na autenticidade do seu demónio.

...

Também se ofereciam próteses de asas.

...

Um homem cheio de manias, que as acumula, que não se dá por satisfeito e inveja as manias alheias que ele não tem.

...

Cérebros de madeira ... nozes.

...

Vagabundos, nómadas cercados, acantonados nos passeios, no cimento.

...

Era, como se na proximidade quotidiana só se fizesse visível o alento.

...

Imprevistos, benéficos ventos que faziam com que as cabeças girassem, se deslocassem, ligeiras tomassem

outros rumos.

...

Tenteia na névoa como se quisesse comprovar a sua solidez.

...

Como último argumento de persuasão, ele disse que o tinha dito a televisão.

...

Tinha a sensação de que ele funcionava como aquela mecha, a chispas.

...

Não exagerava o suficiente.

...

Ela disse: Está-me levando todo o ouro do bolbo raquidiano.

...

O menino só queria ver no museu a vassoura voadora da bruxa.

...

Sombrio, debicava e chamava ao outro: pássaro, pássaro.

...

Olhava os quadros com autêntica avidez de caçador, apontava com os olhos a espingarda e disparando dizia: boa peça.

...

Era-lhe difícil resistir à tentação, aproximava-se das estátuas, dos bustos de bronze e com a mão dava pequenos toques, escutava de dentro um som de sino, a oco.

...

Gente que tinha perdido a sua formosa letra.

...

Apartados, lugares especiais para o riso.

#### Edições Tema

- 1- **Luísa Villalta**, *Rota ao interior do ollo*
- 2- **José Gustavo Teixeira**, *Alrededor de Héctor Rosales*
- 3- **Agathe Destobbeleer**, *A Representação do corpo em D. Juan Tenorio*
- 4- **Luis Nóbrega**, *O corpo encolhido*
- 5- **Carlos L. Bernárdez**, *O corpo da amiga*
- 6- **Fernando Martinho Guimarães**, *A invenção da morte*
- 7- **Xosé María Álvarez Cáccamo**, *A escrita das aves de marzo*
- 8- **Carlos Saraiva Pinto**, *O viajante transitório*
- 9- **Elizabeth Challinor**, *Tales from Inside / Manhãs do olhar*
- 10- **Tudo o que a água consigo leva** - respostas poéticas à arte musical de **Carlos Paredes** endereçadas por: *Adalberto Alves, Albano Martins, Amadeu Baptista, Ana Maria Ferreira, Anna Hatherly, Armando Silva Carvalho, Arturo Casas, Carlos Poças Falcão, Carlos Saraiva Pinto, Casimiro de Brito, Egito Gonçalves, Emanuel Jorge Botelho, Fernando Echevarria, Firmino Mendes, Héctor Rosales, Isabel Aguiar Barcelos, Joaquim Matos, José Agostinho Baptista, Luísa Villalta, Mário Cláudio, Vergílio Alberto Vieira, Viale Moutinho, Xosé María Álvarez Cáccamo, Xulio L. Valcárcel.*
- 11- **Anxo Pastor**, *O cavalo económico*

*Nota: As Edições Tema só publicam textos inéditos. Poderão traduzi-los quando escritos em línguas estrangeiras, mas só o farão se esses textos não tiverem ainda sido publicados. Qualquer original para apreciação deve ser enviado para a morada indicada nas primeiras páginas.*